

Licença poética para pequenos assassínios.



Eu não entendo de ~~celulares~~ ou computadores

Antropoceno

De quando nos demos conta, nesta era tão limpa e asséptica, de luz elétrica e de analgésicos, de supersônicos e de hologramas, nas cidades grandes, cada dia mais próximas, cada dia mais fartas em suas fronteiras e em seus muros a apartar o que de selvagem persiste e é.

lorena grisi

exercícios físicos

Pare de ~~parar~~ nos filmes que você viu na TV

lorena grisi

E o ~~universo~~ é dentro da casa e, não, fora, e isso inclui **UNIVERSO**

todos os dias em praça de alimentação de shopping center.

e choveu muito,

HOUVESSE
se ~~deixa~~ música,
se ~~deixa~~ espaço
e, talvez, desejo.

Não acredito nas sereias,
não acredito nas brucas,
nem em ~~SHIVA~~ SHIVA

A boca – língua, dentes, saliva –, *numa escala de grandeza*, é a maior cavidade da cabeça. Porta do tubo digestivo enjanelada pelos lábios e amparada pela faringe, abriga também, lateralmente, o músculo quadrilátero responsável pela mastigação, o masseter, por sua vez fincado no único osso móvel do crânio: a mandíbula, *senhora da saúde da linguagem*. É pela boca que este livro começa, ou a partir dela que ele se escava no mundo; também por meio do grito, do canto, do suspiro e da fala triturada que, ao inaugurar-se, é flagrada *dizendo três vezes palavra de maldição*. Mas Lorena Grisi vai além, tateia e esmiúça o grão que repousa no centro de cada corpo, casa, cidade, projeto, nação: a voz.

A voz, objeto e veículo da fala, sopro vital que emana do corpo, também fôlego instaurado pelo canto da poeta que escreve e emite ondas sonoras, aqui deseja inspirar e expelir a vida em busca de sentido: (...) *A última mulher a procurar o sentido/ foi a pé pela estrada/ tomou uma curva à esquerda/ e encontrou o exílio* (...). E é na espiral desse sopro, do ar intermediado pelo sopro de uma boca que se representa sobretudo como voz, que a vida, anterior ao sentido, é possibilitada, e compõe o amálgama que faz desse *Exercícios Físicos* uma estreia de bravura, como nos

Só em ~~parar~~ eu acordaria sempre tarde

dizem já os versos de abertura, do poema “Calendário”: (...) *Ou você fala, ou você canta, ou você engole.*

O corpo adoce, diante do mundo há tanto adoecido, e perscruta e circunscreve a morte. Entram os remédios e as aftas, restarão os ossos – (...) *E se um outro cometa chegar/ e a Terra atingir, e explodir, e eu sumir com todos os meus vestígios e/ meus ossos, antes rígidos, agora pífios?* (...) e as obturações dentárias. Mas o fim do mundo é alheio ao corpo, que resiste até que se parte, e alheio à casa, *que também é canto, que também é corpo* (...), e que guarda esse corpo, porque sabe que *habitar diz muito de entontecer*. Então me pergunto o que a poeta revela quando menciona, em nove momentos diferentes, a palavra *hora*. Ela responde, gloriosa: (...) *quando tudo for redemoinho,/ e poeira,/ e inseto,/ e o eco responder o seu nome, você olhará o calendário/ e marcará o dia.* (...).

bruna beber



Realização: paraLeLo13S



quem inventou o dinheiro não foram os ~~romanos~~

que não vi o ápice da minha vida chegar?



paraLeLo13S

coleção anêmona

paraLeLo13S

exercícios físicos

Fundação Pedro Calmon/
DLL LAB

© 2021 Lorena Grisi

Este livro segue as normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, adotado no Brasil em 2009.

Coordenação Editorial Milena Britto e Sarah Rebecca Kersley

Capa Maíra Martines (Três Design)

Projeto gráfico Julia Mota

1ª Edição - março/2021

G869e

Grisi, Lorena

Exercícios físicos / Lorena Grisi.

1ª Ed. - Salvador: Boto-cor-de-rosa livros, arte e café / paraLeLo13S, 2021.

82 p.

ISBN 978-65-89649-03-8

1. Poesia brasileira.

I. Título.

CDD - 869.1

Boto-cor-de-rosa livros, arte & café / paraLeLo13S

livrariabotocorderosa@gmail.com

www.livrariabotocorderosa.com

exercícios físicos

lorena grisi

Fundação Pedro Calmon/
DLL LAB

1ª edição

salvador

boto-cor-de-rosa livros, arte & café /

paraLeLo13S

2021

exercícios físicos

lorena grisi

Fundação Pedro Calmon/
DLL LAB

1ª edição

salvador

boto-cor-de-rosa livros, arte & café

2021

Para Alexandre Coutinho
(1982-2013)

Fundação Pedro Calmon
DLL LAB

*(...) venha celebrar
comigo, que todos os dias
alguma coisa tenta me matar
e falha.*

Lucille Clifton

Sumário

Calendário	14
cardiorrespiratório (com influências da reflexologia)	30
Dramaturgia	33
Língua morta	34
A queda	36
Pode ou não ter algo a ver com direção	38
Desenhar formas com as pontas dos dedos	40
Liga-pontos	42
Visões de pequenos cortes	44
Primeiro dia de verão	45
Mandíbulas	46
Por acaso, acidente, por destino	48
Antropoceno	51
Pretérito imperfeito	52
Valsa	54
Carta	56
Cartografia	57
O elefante	59
Contexto	62

A casa	64
amarracões	66
Jamais espere por respostas nos livros	68
azeite de baleia	70
Ficha catalográfica	72
Exercícios físicos	74
Sobre a autora	77
Agradecimentos	79

Fundação Pedro Calmon/
DLL LAB

Calendário

Ou você fala, ou você canta,
ou você engole.

O impossível vem na forma
do movimento de rotação,
impulso do seu andar,
espiral do pensamento.

Ou você dança, ou você cai,
ou você deita.

Na ausência de música,
gentileza contabilizar
com quantas conchas se
faz uma rádio AM.

Não se ouve mais rádio AM
como antigamente,
nem CD
com trilha sonora de novela,
nem CD

qualquer

Ou você mira, ou você grita,
ou você nega.

Depois que passou a névoa,
não era mais raiar do dia,
e você disse que desistiu.

Outros três dias e três noites,
nasceu mais um dia
e você bebeu café com Arrebite.

Depois quis lembrar como funcionava
uma enciclopédia.

Ou você lê, ou você espana os móveis,
ou você consola uma criança.

As paredes da casa
foram infiltradas por água e
você sabe que nada
é mais poderoso que isso.

A água pingou do teto da sua sala,

e a criança parou de chorar.

Pinga a metade da metade de um balde
de água por dia e você pensa
em meandros de rios.

A última vez que você entrou num rio
foi quando perdia os dentes.
Seus dentes agora são outros.
O rio continua lá,
também ele mesmo outro rio.

Ou você vira, ou você teme,
ou você teima.

Era mais fácil quando não se sabia
que o mundo
tem muitos calendários.

No fundo, no fundo,
ninguém sabe que dia é hoje.

As estações do ano
foram inventadas para vender roupas

e botas de cano alto.

Um resort lhe vendeu um pacote
com cinco diárias promocionais
no verão
e choveu muito,
culpa do El Niño.

A única agenda infalível
é a da guerrilha cotidiana.
Essa, sim, amanhã está combinado
que ela vem.

Ou você ri, ou sua,
ou fica presa no engarrafamento.

A cidade tem três milhões de habitantes,
você é amiga de quinze,
confia em três,
dorme com um.

Se o carro enguiçar,
serão mais de novecentos mil buzinando
para você sair do caminho.

Se roubarem seu carro do ano,
nunca mais ninguém vai achar.
Tem carro do ano,
ainda não tem carro da estação.
Mas ninguém pronuncie isso em voz alta.

A coisa que mais faz falta no mundo
são as páginas amarelas
das listas telefônicas.

A segunda coisa que mais faz falta no mundo
é locadora de vídeo.

Ver um orelhão em cada esquina
não faz falta.

Ou você pensa, ou você goza,
ou espanta os insetos que entraram na sua casa no temporal.

Os insetos já estavam na sua casa
antes de haver casa,
antes de haver você.

Os insetos são muito mais antigos
que a palavra *inseto*,

inventada pelo seu tatarata-tara-tara-tara-avô romano,
que matou e morreu,
de quem você se orgulha.

O magma, no centro da Terra,
existe unicamente
para ajudar na dissolução dos ossos,
sem distinção
entre romanos, gregos e você.

Deixe a família avisada
se você é doadora de órgãos,
se quer ser cremada ou enterrada,
do seu epitáfio,
da canção que vai tocar no funeral,
de quem vai herdar a coleção de discos.

Esse compromisso é mais certo
que sua presença na empresa amanhã,
depois não diga que não avisei.

Uma mulher precisa ter medo
de alguma coisa, necessariamente?
Quem não tem medo de nada
dorme de janela aberta

e come todos os dias
em praça de alimentação de shopping center.

Mas isso é melhor do que crer
no juízo final.

Ou você salta, ou você planta,
ou você deixa.

A expectativa de vida dos homens
é menor que a das mulheres.
A expectativa é de que haja
muitas idosas, cada dia mais,
o que indica que a sociedade matriarcal
está a caminho.

No caminho, você se perdeu,
voltou,
pegou a outra estrada da bifurcação,
desperdiçou uma hora
e acha que não se encontrou até hoje,
mas pelo menos descobriu
a localização do abismo.

E ele fica a 35 graus de longitude Sul

e a 42 graus de latitude Leste.
Você não vai mais lá,
mesmo não tendo medo de nada.

Você leu nos quadrinhos:
na beira do abismo,
há um eco.
Você gritou seu nome.
O eco não respondeu.

Na beira do abismo,
você não visualizava nada
além do calafrio.
Mas você não tem medo de nada.

Nem do mar você tem medo,
nem de barata,
nem da perda,
nem de sair à rua
e ter de ajudar um cego.

Você não tem medo
da Coreia do Norte.

Ou você mente, ou você beija,

ou você calcula os juros do cartão de crédito.

Há sempre um banco
para emprestar dinheiro
para você pagar o outro banco.

Quem inventou o dinheiro
não foram os romanos,
foram os gregos,
aqueles que também inventaram
a democracia
e o relógio despertador.

A primeira coisa
que sua avó fazia
ao acordar
era abrir as janelas
para arejar a casa.

Você pretende arejar os pensamentos
caminhando na praia
ou viajando pela América do Sul.

O vento agora é diferente, ele
tem outro cheiro.

Mas você usa lentes de contato e
precisa fechar os olhos.

No tempo do papel e da caneta,
é preciso ensinar às jovens,
não se podia escrever na varanda
em dia de ventania.

Você viu o redemoinho
e ele lhe tirou para dançar.
O compasso do giro era sete por dois,
você não quis.

O redemoinho dançou sem você,
levou seus papéis e canetas,
por isso agora você usa o
computador.

Ou você escreve, ou você borda,
ou você vence.

Você não acredita em verso livre
e desconfia do decassílabo,
porque com eles já se escreveu
sobre sereias,

e sereia não é bicho/gente/coisa
em que se confie.

Quem escreveu uma carta,
colocou na garrafa
e jogou no mar
foi mais feliz
quando não teve retorno.

Ninguém responde mensagem na garrafa.
Pare de acreditar nos filmes
que você viu na TV
à tarde.

Garrafa no mar é lixo marinho,
não gera uma resposta de amor,
não gera uma mão estendida,
ou amizade distante.

Uma garrafa é uma garrafa
e, dentro dela, um papel.
No mar também tem redemoinho,
mas você não aceitou dançar.

Possivelmente sua carta seria achada,

se o fosse,
pelo habitante de uma tribo de Papua Nova-Guiné.
Em Papua Nova-Guiné,
falam-se oitenta línguas.
Nenhuma delas, a sua.

Ou você mata, ou você esculpe,
ou você fisga.

Os remédios que curam labirintite
lhe causaram problemas
no fígado.

Dentro de cada ouvido
há um caracol
ao qual não é permitido girar.

E foi assim que você
nunca se deu com os redemoinhos.

Um caracol no chão,
desafiando o tempo,
dorme
enquanto você trabalha,
se casa e tem uma filha.

O caracol, como o inseto,
tão ou mais antigo que você.

Ou você arquiva, ou você rompe,
ou você arrisca.

Você sonhou que matava um homem,
que caía de um balanço,
que morria em um incêndio.

O único sonho que doeu
foi aquele em que lhe deram
um tiro nas costas.

Você sonha acordada
que vai dormir sem tomar
ansiolíticos.

A cama é lisa,
limpa.
O quarto é verde cromoterapia.
O tiro foi no meio de uma avenida
cheia de gente saindo do trabalho.

Ou você procrastina, ou você lava,

ou você agarra.

Há poeira por todos os móveis
e você sabe de onde a poeira vem,
a idade da poeira
e que a poeira volta.

Tem mais poeira do que inseto,
caracol,
seus antepassados
e você.

Tem poeira em você,
nos seus ouvidos,
no seu fígado,
na cama lisa e limpa.
Vai ter poeira amanhã já no início do dia,
mesmo abrindo as janelas
para arejar.

A poeira é a mais presente
de todas as coisas do mundo.

Ou você sente, ou você perde,
ou você salva.

São pouco mais de setenta anos,
na média,
para fazer alguma coisa
e ser lembrada.

Mesmo assim, não se sabe
o nome de quem construiu
a guilhotina que decapitou
Maria Antonieta.

Não se sabe o nome
de quem costurou
os bolsos do vestido
com que Virginia
se lançou no rio.

Ou você entende, ou marca,
ou empilha os livros.

Não adianta podar as plantas,
usar colete salva-vidas,
comprar repelente.

A Terra gira a mil e setecentos quilômetros por hora,
isso é mais que a velocidade

do seu automóvel,
isso é mais que o redemoinho.

Ou você se cala, ou parte.

Porque quando tudo for redemoinho,
e poeira,
e inseto,
e o eco responder o seu nome,
você olhará o calendário
e marcará o dia.

Fundação Pedro Calmon/
DLL LAB

cardiorrespiratório (com influências da reflexologia)

três mentiras:

alamedas

tese, antítese, síntese

uma artéria longa e livre

começando no coração

e se ramificando

num complexo de túneis

espelhados nas linhas da palma da mão,

que dizem: viverás tantos anos

quanto estiverem desimpedidos esses túneis

subterrâneos

subcutâneos

e o tráfego for ordeiro, polido,

quase um tráfego oriental,

em velocidade média de um quilômetro e meio por hora,

às vezes menos, não há motivo de pressa,

é tudo uma questão de transporte de cargas,

mais que isso é acidente, previsto

na palma da mão, nas fibras da íris,

em pontos da sola do pé que,

novamente, só os orientais

atravessam a existência conhecendo, apertando e
rindo da desgraça alheia
convertida em tráfego engarrafado a todo o tempo
esse não chega nem aos cinquenta
com tão pouco combustível e essas bobinas
desconectadas
os orientais leem o grande livro
escrito no calcanhar de um analfabeto
especialista em geradores de energia elétrica
de edifícios de cem andares
que não abrigariam nem a ele,
nem aos seus filhos, se sua casa desmoronasse,
se a cidade inundasse ou se toda a sorte de líquidos
se misturasse e desalinhasse a arquitetura dos túneis
e dos pequenos canais, denunciando as imperfeições,
as obstruções, os nódulos, os coágulos, os excessos
cometidos em 2014, as marcas, os registros,
as mentiras, que estão todas lá, bombeadas por um músculo,
setenta vezes por minuto elas circulam do pé
à cabeça, os orientais sabem,
eles estão lendo no centro do calcanhar e na divisa
da planta do pé com o dedo mindinho,
eles estão gargalhando da crença em bosques e álamos
no meio de uma cidade da América do Sul,
da crença em corridas, maratonas,

basta um quilômetro e meio, não há motivo de pressa,
e pode-se respirar aliviado, pois não há nada de novo nas artérias,
nem nos próprios orientais, eles até se envergonham,
é que as mentiras já foram todas inventadas.

Fundação Pedro Calmon/
DLL LAB

Dramaturgia

Uma mulher com cabelos
de víboras e dentes
de javali.

Esse musical americano
dos anos 50,
em technicolor, visto,
revisto e resenhado.

Um diário. Essa pessoa
nas páginas, em código, trancada
a cadeado.

Língua morta

Fizessem uma perícia a cada vez que morre uma língua, constatariam males que incluem assassinios, genocídios, catástrofes naturais e outros desastres que geram órfãos, herdeiros de um inventário volátil e invisível. Onde o cemitério das línguas não mais ditas ou escritas, usadas, um dia, para dividir a terra em que se plantou o primeiro grão, onde se fincou a primeira bandeira, onde se construiu a primeira cerca em madeira e então se disse *é meu*? Em que língua uma mulher foi originalmente ofendida e deu seu grito inaugural de horror? Os despojos conhecemos até hoje, os despojos da guerra são do vencedor e a língua mantida viva também, em sua glória. Como se diz *meu* na primeira língua morta? Como se diz *eu*? Como se diz *não cante essa canção em voz alta, não narre esta fábula*? Fato é que hoje e em qualquer raio de futuro, mesmo antes do café da manhã, conviveremos com restos mortais de línguas por todos os cantos da casa e do corpo, no pensamento, no olho do outro, nas plantas no vaso sobre a mesa, perpétuas (ou *Gomphrena globosa*). Há uma língua que não diz mais e não se entende, mas se sabe, exatamente como a conversão do dinossauro em galinha. A língua de carne, essa também pode morrer, mordida ou queimada, ardendo, dizendo três vezes

palavra de maldição, cortada a faca para aprender que alguns vocábulos talvez devessem estar mortos também. Sepulta-se uma língua e ela jaz num túmulo em que se busca desvendar a pequena fotografia preta e branca, sem data ou epitáfio. Uma língua, hoje, é algo que existe primordialmente para dizer *fique aqui, em dez minutos poderemos enxergar o satélite*, e é a partir dessa fala que todo o mundo se recompõe e gira. Uma língua morta é um fantasma triste que corre de medo de crianças. É uma sobra nas sombras, a cápsula do tempo enterrada, acidente de trabalho de escavação.

Fundação Pedro Camargo
DLL LAB

A queda

E se o sentido for o invisível,
o intangível, no ritmo irrefreável
da queda no abismo
místico?

E se o motivo for incompreensível,
antes mesmo do vivível,
sem cor, sem corpo, sem cordas de segurança
máxima ou, ao menos, mínima?

E se deus for maníaco-depressivo,
bipolar, histérico, esquizofrênico,
obsessivo-compulsivo,
quem protegerá deus e lhe lembrará de tomar
o ansiolítico?

E se um outro cometa chegar
e a Terra atingir, e explodir,
e eu sumir com todos os meus vestígios e
meus ossos, antes rígidos, agora pifios?

E se as ideias desaparecerem,
e os sonhos, e os encontros,
e os poemas, perdidos no cosmos inatingível
como aquela sonda espacial nunca recuperada e
com uma imagem eternamente indizível?

E o ilegível, e o inefável,
e o inimaginável?
Quem vai tocar a canção
de compositores mortos de amor e de ódio e
de tédio no andamento certo, pianissimo,
fortíssimo, sforzando, se esforçando,
com quais forças, e de onde, com que braços
sem abraços e com o olhar baço
de quem quer o invisível, o intangível,
a clareza do precipício?

Pode ou não ter algo a ver com direção

Um poema faz tanto sentido
quanto seu gato brincar com
o próprio rabo
e você filmar,
postar no Instagram
e querer que eu curta,
comente e compartilhe.

Duas estrofes fazem tanto sentido
quanto você ir ao Porto da Barra
no fim da tarde de quinta,
aplaudir o pôr do sol
e pedir proteção, em português,
a um deus que fala hebraico
e colocou em chamas
aquela torre de muitas línguas.

(Quando eu trabalhava em museu e
recebia gente do mundo inteiro,
descobri que o hebraico é a língua
mais bonita do mundo e isso,

por si só,
até justifica
um deus monoglota).

Três versinhos 5,7,5 fazem tanto sentido
quanto Mozart compor uma ópera aos doze,
morrer aos trinta e cinco,
e Maria Anna ter sido criada para casar
e gerar filhos.

A última mulher a procurar o sentido
(e isso foi há não mais que quarenta e cinco segundos)
foi a pé pela estrada,
tomou uma curva à esquerda
e encontrou o exílio.

Desenhar formas com as pontas dos dedos

Morfosepositividade
(na idade de uma mulher adulta).

A forma é clara
e fina
e fluida
e muda.

Tudo é muito,
mas se tenta
com os braços
esticados,
exaustos
de agora.
Com a ponta dos dedos,
com as unhas pintadas de vermelho.

Agora, positividade,
agora, sim,
o agora dilatado
(como as pupilas dos gatos).

Poemorfose,
morfologia,
mitologias,
Morfeu.
Dorme-se o sono dos justos
depois de cometer um poema?

(Morfeu consumia barbitúricos e tarjas pretas)
(Morfeu nem era uma mulher adulta)
(nem pintava as unhas de vermelho).

Fundação Pedro Calmon/
DLL LAB

Liga-pontos

Embora a cidade não me deixe ver e, se deixasse, sempre há a miopia e, se deixasse, possivelmente eu não me lembraria, dizem, à noite, é possível apontar constelações. A forma mais clara com que as enxerguei foi ligando pontos à caneta em revistas de charadas e palavras-cruzadas. Pulava umas páginas, ligava os pontos, descobrindo o desenho que se formaria, como as crianças fazem com as nuvens. Eu formava desenhos nas revistas, ligando os pontos A, B e C. O céu propriamente dito nunca me interessou, só em dia de raio e trovão, quando constelação nenhuma se vê, quando se fica fechada numa casa com uma revista de ligar pontos. Os indígenas têm outros nomes para as constelações brancas, acadêmicas, astrofísicas, até astrológicas. As constelações indígenas, perceba, interferem diretamente no meu mapa-astral. Os indígenas ligaram os pontos no céu de outra forma, desenhando emas e antas e homens velhos, e eu não vou entrar no mérito, mas a expertise indígena para se achar ou, melhor dizendo, para não se perder, guiados por constelações, me parece mais confiável que a dos astrofísicos e seus telescópios. Eu pulava as palavras-cruzadas porque

não sabia, nem queria saber, quantas letras formam o nome do astrônomo que ganhou o Nobel em 1976. Não confiaria nele se eu me perdesse. As charadas da revista eu descartava como quem não tem paciência para adivinhar qual a doença do Minotauro, qual o contrário de bailarino, enigmas que exercitam o cérebro mas não respondem em que casa astrológica foi parar o Sol daquela noite de outubro, se eu considerar a cosmologia indígena. Se o indivíduo nasce de madrugada, a posição do Sol é relevante? Essa, a charada. E quando se liga o penúltimo ponto E ao último ponto F, cria-se a forma nítida ou abstrata da constelação, derradeira esperança de orientação dos perdidos em terrenos ignorados e dos desabrigados de casas astrológicas, agarrados eternamente a pontos de luz que nem mais existem no céu ou numa página de revista qualquer.

Visões de pequenos cortes

Aos vincos e marcas
impenetráveis ao creme
antirrugas, facas.

Fundação Pedro Calmon/
DLL LAB

Primeiro dia de verão

Um corpo despido
se atira no mar raso
e quebra, finito.

Fundação Pedro Calmon/
DLL LAB

Mandíbulas

Jamais ensinaram nas escolas a diferença entre ácido sulfúrico e soda cáustica, menos ainda sobre a potência de um músculo voluntário localizado na mandíbula, mais forte que mãos e braços, mais forte que pernas e pés. De força, corrosão e orgulho sustentam-se as possibilidades de uma boca, esse buraco pacificado por aftas e obturações dentárias, mas que também envolve ácidos, movimentos e alguns processos de dilaceramento. Agradecemos à mandíbula, onde tudo começa, inclusive as tensões e as dores, centro do corpo, mesmo que fique um pouco acima de bobagens erroneamente intituladas *órgãos vitais*, seja qual for a hierarquia entre fígado, rins, coração. Vitalidade é triturar castanhas e amêndoas no café da manhã de hoje do mesmo modo como se triturava há trezentos e cinquenta mil anos, usando dentes e saliva, dispensando hidróxidos e quaisquer outros elementos criados em laboratório, porque há a força da mandíbula e nunca nada foi tão eficiente em seu trabalho de destruição. Mastigar, deglutir, esperar: é como se vive e, enquanto isso, sonha-se o irrealizável, como a soda cáustica e suas propriedades de limpeza e de dissolução. Sonha-se com a mesa posta, com garfos de prata, com guardanapos bordados em linho, pois a isso chamam civilização, que é justamente o intervalo de tempo entre um e

outro rito adotado ao longo da história no momento de usar a mandíbula, senhora da saúde e da linguagem. Durmamos em macios travesseiros de pena. Protejamos esse osso chamado mandíbula, acarinhemos nosso masseter. Eles são o mais próximo que chegaremos de conhecer algo parecido com ideias de ação e poder.

Fundação Pedro Calmon/
DLL LAB

Por acaso, acidente, por destino

Quando, ao sair à rua, se encontra o carteiro
em frente ao edifício, em horário diverso daquele
em que ele vem, todos os dias, e ele carrega consigo, além de suor e
sorriso,
entrega não encomendada, materializada numa caixa
envolta em mistério e carimbos,
muitos dizem por acaso, coincidência,
por destino.

Mas se à uma da manhã de um dia de férias tranquilo,
em que se dormiu com os anjos, sem conhecer desconforto,
barulho de vizinhos, má notícia, frustrações ou a presença do perigo,
uma árvore despenca e desperta do sono os justos e os injustos,
porque esses últimos também dormem, ao contrário
do que esperam os que creem em narrativas de culpa,
remorso, consciência, paz de espírito, e se a queda dessa árvore acontece
em cima de um automóvel no qual se vê, no banco de trás,
uma cadeira de criança, e essa árvore atinge justa
e precisamente a cadeira ocupada pela criança, que também dormia,
muitos dizem por destino, linhas tortas, fatalidade, desígnio.

Quando a cabeça lateja, quando o corpo não responde
aos seus comandos, quando a necessidade é encolher-se num canto
escuro e fazer uso de comprimidos esteticamente perfeitos em suas
formas,
como se esculpídos, circulares em cada uma de suas miligramas,
e ingere-se um, e mais um, e mais um, e mais um porque
não se está acostumado com isso de raciocinar em miligramas,
multiplicar as miligramas, não se está habituado à matemática
dos compostos químicos, no dia seguinte, é previsível,
tocarão a campainha e, não sendo atendidos,
eles dirão acidente, descuido, imprudência,
desatino.

Numa fábrica qualquer, pouco importa em que país,
posto que fábricas são territórios indistintos como aeroportos,
igrejas, desertos, submarinos,
nessa fábrica qualquer, próximo ao fim do expediente,
num dia de alta produção e de funcionários felizes
como só são aqueles úteis à sua tribo,
um vazamento de gás asfixia homens e mulheres que vestiam
uniformes iguais e morriam iguais e as explosões que se seguiram
foram exatamente iguais ao bombardeio da Líbia
em 1911 e muitos disseram, incluindo a igreja,
o dono da fábrica, os marinheiros e os beduínos,
do descaso, coincidência, acidente, negligência.

Ao dizer acaso, recorrentemente, se referem ao pássaro que fez ninho na calha do telhado e cujos ovos serão chocados no dia do aniversário do velho senhor dono do imóvel, ao que também chamarão de coincidência, sincronismo, entretanto, se o velho senhor odeia pássaros, preferia morar num apartamento no centro, é exímio caçador e é por aves faminto, chamarão de acidente, cadeia alimentar, fatalidade, fortuna, que é o que se diz, recorrentemente, de quem elegeu seu alvo e dele decide a ventura.

Fundação Pedro Calmon/
DLL LAB

Antropoceno

De quando nos demos conta,
nesta era tão limpa e asséptica,
de luz elétrica e de analgésicos,
de supersônicos e de hologramas,
nas cidades grandes,
cada dia mais próximas,
cada dia mais fartas
em suas fronteiras
e em seus muros
a apartar o que de selvagem
persiste e é.

Fundação Pedro Calmon/
DLL LAB

Pretérito imperfeito

Acabou-se o que era doce e os nostálgicos garantem que ontem foi melhor que hoje, que os anos 80 não retornam mais, que nos anos 70 não havia Aids e eu concluo que a Guerra do Golfo foi muito pior do que a Guerra do Vietnã, porque a do Vietnã veio antes e tudo o que vem antes é melhor do que o que vem depois. Era doce. Poderiam ter conservado com sal ou com gelo, os nostálgicos, os saudosos, mas isso interferiria na doçura, que não voltaria mais e teríamos um passado salgado, ou aguado, nada condizente com nossa delicada história de afetos e ternura, mesmo que mais de um milhão de pessoas tenham morrido na Guerra do Vietnã. Era tudo muito doce, embora ensinemos nas aulas de Ciências que são quatro as possibilidades de sabores - o doce, o salgado, o azedo e o amargo. Era tudo doce, mas acabou-se e agora usamos toda uma gama de açúcares ou de adoçantes artificiais que tornam a vida diária mais palatável e porque o doce, desses quatro, é o único sabor que tem conotação positiva e precisamos dele em nosso cotidiano cada dia mais insípido. Precisamos acreditar na doçura, mas os adoçantes artificiais são cancerígenos e o açúcar refinado, dizem que é um perigo também. Os nostálgicos, os saudosos, vazios de um período em que o buraco na camada de

ozônio era menor, e de quando não havia alimentos transgênicos, e de quando havia menos arranha-céus fazendo sombra nas areias das praias brasileiras, os nostálgicos se embrenhariam em pequenas fazendas produtoras de mel, caso as abelhas hoje não estivessem enlouquecendo com tanta mudança no ecossistema. Porque as abelhas também estão nostálgicas, saudosas e vazias, deu até no noticiário mês passado. Era doce, todos juram que era doce, mesmo que o Vesúvio tenha destruído Pompéia no primeiro século de nossa era, quando o Vietnã não era uma questão. Era doce, tinha até uma cereja em cima. Não salgaram os corpos de homens enforcados e de bruxas queimadas vivas, de modo que só a doçura se preservou na memória. De modo que neste atual século de nossa era teses estejam sendo escritas sobre afetos, músicas sobre a delicadeza sejam compostas e uma estética da suavidade esteja muito em voga nesse mês de outubro, hoje mesmo, quando não é mais doce como já foi, constatam os nostálgicos, os saudosos, os vazios e os perdidos. Era doce, foi doce. O pretérito imperfeito, dizem os gramáticos, exprime uma ação habitual no passado, enquanto o pretérito perfeito exprime uma ação que não era habitual. Acabou-se o que era doce, ser doce era habitual. Era uma vez. Desde o primeiro século de nossa era e mesmo antes. O anel que tu me deste era de vidro. Era doce, mas agora as abelhas enlouqueceram.

Valsa

Trancada na cabine
do navio imponente,
gigantesco,
maior que a incerteza
dos olhos que o perseguem
ao longe.

No fechado cômodo,
abro os braços e toco
as paredes, que pendem
qual gangorra onde
não brinquei.

O horizonte desliza, inclina
e se move diante do testemunho
atrás da janela pequena
e hermeticamente fechada
do meu cubículo,
que tem dois metros quadrados
(esse é o espaço que me comporta
e ainda deixa algum chão onde pisar).

O balançar seria uma dança,
se houvesse música,
coreografia
e, talvez, desejo.

No mar visto atrás do vidro,
também não existe possibilidade
de valsa.

Cinco minutos seriam o bastante
para o gigante imergir
com todos os seus cômodos,
restaurantes, botes,
lustres, coletes salva-vidas
e comigo, numa câmara,
perdendo o horizonte de vista.

Espectadores, em terra, diriam:
*Cinco minutos. Menos tempo
que a duração de uma valsa.*
Enquanto eu dançaria
involuntariamente,
submersa na água.

Carta

Se eu te dissesse - *Me escreve*, assim, a seco, intransitivo, o que você me enviaria? Uma carta de amor, de despedida, um cartão-postal, um e-mail, um bilhete, meu horóscopo, a foto de um recado no espelho, tua biografia? É certo que não diria diretamente que me ama, nem que acordou no meio da madrugada para não mais dormir porque não sabia onde eu estava e se eu voltaria. Me contaria do gato que trouxe para casa, da rua que mudou de sentido e agora deixa os motoristas confusos em frente ao prédio. Me diria que, mais útil que escrever uma carta, coisa que nem se usa mais, é escrever uma tese, um tratado, uma lei, algo que se imponha sobre os homens, palavras contra as quais qualquer insurgência é imputável com isolamento e castigos físicos. Teve aquela vez, na viagem ao Norte, quando eu perdi o catálogo dos lugares turísticos. Me escreve um catálogo. Me escreve um catálogo que fale se os lugares produzem arrepios, se têm cheiro, se o Sol vai queimar minha cabeça, se o caminho pode ser feito a pé, se, para chegar lá, basta fechar os olhos no chuveiro. Me escreve, mas escreve à mão, com essa letra que eu não entendo, mapa para a rua que mudou de sentido e que eu perdi, no meio da viagem.

Cartografia

No canto da tela com o mapa,
há uma escala de grandeza que diz
1:300.

Cada trezentos metros do meu caminho estão reduzidos a um
centímetro,
nessa escala de grandeza cartográfica.

Acho engraçado dizer *escala de grandeza*.
Eu poderia falar: *Numa escala de grandeza, eu parti o pão e te
deixei o pedaço maior.*

Se diz também *está para*, na leitura das escalas: “um *está para*
trezentos”.

Esses trezentos metros foram reduzidos
para que, no caminho,
eu não desvie o olhar,
para que eu esteja para,
ou o objetivo de chegar
não se cumpre.

Na física quântica,
o lugar existe enquanto eu olho para ele.
Ele está para mim,
reduzido à escala de minha retina,
que é de 1:10 metros de visão frontal e periférica.
Para mais que isso, o mapa
e a grandeza de encerrar o que não existe,
porque não estou olhando.

Fundação Pedro Calmon/
DLL LAB

O elefante

A única memória cristalina
que tenho da infância
é a do dia em que fui esmagada
pela pata do elefante
no meio da Praça da Sé

e fui salva pelo pipoqueiro
que atraiu o elefante
com um saco de pipoca doce,
impedindo que se gerasse
a certidão de óbito
de quem ainda nem sabia que
para viver e morrer
é preciso carregar alguns documentos
comprobatórios.

Desse dia me restaram
um terror de paquidermes,
uma implicância com o filme *Dumbo*,
um desprezo por indivíduos que colecionam
elefantes de pedra

acreditando que lhes trazem sorte e
uma visível cicatriz na cabeça
(você não está vendo porque meus cabelos cobrem,
mas ela está aqui e repuxa
toda vez que vai chover,
exatamente como chovia
no dia em fui chutada pela pata do elefante
na Praça da Sé).

Ficou também uma clavícula
que estala quando levanto os braços
para pegar o bule verde
na prateleira de cima do armário.

Sobrou ainda o elefante
para contar a história,
pois o elefante vive muitos anos
e tem uma memória
muito valorizada pela sabedoria popular.

Não fui verificar a veracidade
da informação
sobre a memória do elefante
em nenhum tratado de Zoologia.

Indiscutível, só a lembrança da rasteira
que tomei do elefante
em plena Praça da Sé.

Fundação Pedro Calmon/
DLL LAB

Contexto

Num contexto doméstico,
é perfeitamente aceitável
ligar um alarme
que toque na hora precisa
de fechar as janelas.

Num contexto de rua,
as janelas dos ônibus
são fechadas pelos centímetros
necessários de uma mão
que teme transmissão de germes
e bactérias cujos nomes
me despertam interesse por Etimologia.

Num contexto de ilha no meio do oceano,
à noite, uma mulher pensa sobre
o momento exato
em que um mesopotâmio
concluiu a elaboração do calendário lunar.

No contexto da lua,

não do observador,
não de quem se comoveu com a lua e com o conhaque,
no contexto mesmo de quem vive na lua
e faz um aceno solitário e jamais respondido,
é perfeitamente aceitável
não ligar um alarme
que toque na hora precisa
de encher a maré.

Fundação Pedro Calmon/
DLL LAB

A casa

A casa, caixa de móveis desembalados e descobertos de lençóis, habitada, durante o dia, por este sofá velho, vazio e emprestado, em que alguém já se sentou para não cair no chão de desespero e dormiu, perdendo a hora. Há grades nas janelas, mas o Sol tem sua incontornável liberdade de atravessá-las e de queimar os rostos nos quais hoje se veem manchas e linhas de quem observou a paisagem atônito. Eram duas as cachorras no pátio, latindo para os outros cães que passavam por trás do muro, e o barulho dizia dessa ordem perdida em que os seres se reconhecem, se cumprimentam e estão atentos aos cheiros. Nesta casa, três famílias, em seu tempo, celebraram aniversários, receberam notícias de mortes e penduraram quadros em diferentes paredes que já foram brancas ou amarelas. Da casa de baixo, sente-se cheiro de carne sendo assada e há uma conversa, entre mãe e filha, sobre objetos perdidos nas escadas. Debaixo dela, a casa térrea, vazia e de porta fechada, hospedagem provisória de ácaros e de pequenas aranhas tranquilas, na privacidade dos cantos e das frestas. A casa, arquivo de espantos em quarto e cozinha, tem uma moradora, à noite, na hora em que se imagina que todos dormem, mas há uma verdade e é esta: há o pesadelo, o suor frio e os banhos. É tarde para se preocupar com visitas, é

cedo para consultar a meteorologia. E o universo é dentro da casa e, não, fora, e isso inclui os raios, as tempestades e os objetos não identificados, dos quais fazem parte utensílios domésticos que determinam a completude de um lar: mesmo sem uso, tem-se o que é preciso, além de um fogão, de uma cafeteira e de um acendedor automático. Vê-se, na sala, uma mesa com papéis e livros que indicam as tarefas de quem reside na casa. A mesa é bússola, é rosa dos ventos, por isso está centralizada. Em cima dela, um castiçal com uma vela apagada. Dali, contam-se dez passos para a cama, dez para o aparelho de som, dez para a gaveta de facas. A casa, neste terreno argiloso e infértil. Amanhece. Na rua em frente, os cães encoleirados passeiam na hora esperada.

Fundação Instituto Camões
DLL LAB

amarrações

morar dentro da cabeça
ocupar seus cômodos
cansar nas escadas
e nas curvas de corredores longos
parar na entrada do labirinto
partir de princípios

dormir em camomilas
acordar em analgésicos

ver o estopim
em sua mais jovem forma física
dividindo a cama
com todas as perguntas
(cada noite, uma)

saber que habitar
diz muito de entontecer
vez em quando
fechar as portas
dilatar pupilas
dar nós em sinapses delicadamente

contando apenas com a destreza das mãos

Fundação Pedro Calmon/
DLL LAB

Jamais espere por respostas nos livros

Não entendo como o mundo é pequeno, se é tão grande. Não entendo como se sustentam algumas construções arquitetônicas. Não entendo o que alguns olhares significam. Não entendo os filmes de David Lynch (mas eu tento). Não entendo o funcionamento dos satélites e não entendo como algumas pessoas querem ir ao espaço sob o risco de se perderem no vazio. Não entendo como eu não quero ir ao espaço e escolho me perder neste vazio sem estrelas. Não entendo a química orgânica, mas finjo. Não entendo a necessidade dos planos cartesianos, embora eu entenda Descartes e discorde. Entendi quando me disseram que nada se perde, nada se cria, tudo se transforma, conquanto eu não entenda a razão, pois algumas coisas bem poderiam se perder, enquanto outras poderiam não ter sido criadas. Uma senhora que foi telefonista nos anos 40 me disse que a invenção mais incompreensível de todas era o telefone celular, que fala com o Japão sem necessidade de fios. Eu não entendo de celulares ou computadores e, nos anos 40, eu morava dividida em códigos genéticos de senhoras e senhores agora mortos. Não entendo os malefícios de alguns alimentos no meu organismo. Não entendi por que queimaram minhas retinas com laser para que eu voltasse a enxergar com foco e sem a ajuda de lentes, se eu nem gostei do que vi. Não

entendo de automóveis e só ando a pé. Não entendo a eleição irrevogável de tatuagens. Não entendo de esportes, nem de crianças, mas compreendo alguns outros animais. Não entendo a sequência temporal nascer-brincar-estudar-formar-casar-parir-envelhecer-morrer. Não entendo como certos indivíduos têm péssima memória e eu, não. Não entendo por que se tiram fotos coloridas se as imagens em preto e branco são mais bonitas. Não entendo minha alergia à mudança do clima, se tantas outras imprevisibilidades mais graves não me fazem espirrar. Não entendi por que queimaram minhas retinas. Não entendi a necessidade de foco. Anestesiaram minhas retinas antes do laser. Não anestesiaram depois que me deram foco, e eu não gostei do que vi.

Fundação Pedro Caldeira
DLL LAB

azeite de baleia

com vergalhões e concreto
ergue-se uma casa
não mais com pedras
cantaria
óleo de baleia
extraído de sua barriga
útero, umbigo

uma casa é sítio
de sono e suspiro
expiração de corpo sem despojos
acostumado ao estouro
de implosões nos ouvidos
solas de pés
descalços entre choque de água quente,
ruínas
e chão frio

a barriga da baleia
seu azeite
de cozinha antes do petróleo
depois da caverna

depois da fogueira
depois dos navios

fornada abissal no escuro úmido
casa flutuante
coluna, carne, óleo
edificação móvel
por nadadeiras
e dorso explodindo esguichos

Fundação Pedro Calmon/
DLL LAB

Ficha catalográfica

No espaço de corredores indistinguíveis da biblioteca ampla, antiga, em que sujeito algum se localiza com precisão por esses códigos e números de exemplares catalogados, fichados e dispostos lado a lado, inelutavelmente, cada um em seu ponto exato, determinado, com a disciplina e a austeridade de estar, todos os dias, em seu lugar devido e incontestável. Nessas estantes de número infinito, páginas, folhas, capítulos foram assim organizados com base em alguns nomes constantes das capas, nomes que, por vezes, são iguais, em diferentes títulos, mas escritos por pessoa – há uma pessoa, carne e sangue, por trás do autor do título – diversa, múltipla, variada, marcada, entretanto, por idêntica assinatura de indivíduo. Escolhe-se o livro de uma escritora, lê-se, acredita-se, comenta-se da complexidade ou da irregularidade disso que lhe chamam obra, sem verificar que não há autora de obra, há os livros, há as escritoras, de quando em vez combinadas de assinar o mesmo nome; há as escritoras, várias, há os nomes, há o curso da vida e o curso da história, de que nos contam os livros. Nos enganam os nomes: identificam, individualizam, salvam-nos de perceber um mundo esquivo e nossa limitação de jamais escrever, o mesmo ser, mais que um único poema, e de ler, desta biblioteca e na mesma vida (também ela a única), o mesmo

título. Prateleiras de madeira sustentam narrativas de conquista e, em maior número, de derrotas, temerosas do bolor, dos cupins e das traças, eles, sim, invencíveis testemunhas desta grande obra artística e coletiva, denominada – porque da guerra se escapa, mas da nomeação, eis o impossível – de literatura, essa arte que transforma sujeitos escritores em seus próprios textos, agentes em objetos de leitura, em criaturas de si mesmos no passado e agora nossas, no presente, tão dispersas em nossos corpos, tão presas nas bibliotecas, na arbitrariedade de seus catálogos e arquivos.

Fundação Pedro Calmon
DLL LAB

Exercícios físicos

Faz atividade física? Faço, longe de mim ser sedentária. Não fumo, bebo pouco e carrego comigo este carma de gerações, estes genes, o peso dos dias, esta cabeça que não vem sobre os ombros, vem sobre o pescoço, porque os ombros, é o mundo o que eles suportam e por isso tenho hipercifose. Não sou preguiçosa, ando a pé por essas ruas levando tudo o que é desnecessário em minhas costas, só para ter certeza de que não vou utilizar, mas está tudo ali, são coisas minhas, é tudo o que tenho, pode-se dizer que configura um patrimônio. Juntei cada uma dessas peças como quem guarda pedaços de quebra-cabeças distintos na esperança criativa de montar paisagem própria, forçando encaixes e aceitando que buracos são também composição de destinos. Portando sempre meus objetos, sou meu meio de transporte, meu caminhão de mudança para cada apartamento semimobiliado alugado e, no percurso, perco bibelôs e memórias, o que deixa mais leves as caixas de papelão e é por essa razão, ademais, que eu sempre fui bem magra, embora nunca, nunca mesmo, tivesse sentido medo de que uma ventania me levasse consigo. Tudo ótimo enquanto estiver perdendo bibelôs, o que não dá é para perder as chaves, a cabeça ou o prumo. Eu sou muito ativa, me exercito, escrevo, apago, escrevo, reviso; no ano seguinte, eu abro o mesmo texto

e reviso, apago, escrevo, guardo, esqueço. Esse exercício fortalece a mente e os ossos, explico, ele recomenda musculação três vezes por semana, no mínimo. Pergunto se ele já experimentou um teto desabando sobre si e tendo de levantá-lo com as mãos, no sentido oposto à gravidade, e isso na hipótese boa, que é a de ter um teto; ele me diz academia, corrida, pilates, eu digo meu querido, você não faz a menor ideia do que é ser uma mulher.

Fundação Pedro Calmon/
DLL LAB

Sobre a autora

Lorena Grisi nasceu em Salvador em 9 de outubro de 1981. Tem textos publicados na coleção *Literatura de circunstância* (EdUFRR), no caderno digital *onde caber* (Itaú Cultural), nas coletâneas *Hilstianas vol. 1* (Editora Patuá/Instituto Hilda Hilst), *Antologia Ruínas* (Editora Patuá), *Terra, fogo, água, ar: coletânea lírica* (Edufba), *Mulherio das Letras Portugal* (Editora In-Finita) e *Parem as máquinas!* (Selo Off Flip) e nas revistas *Torquato* e *Contempo*. *Exercícios físicos* é seu primeiro livro.

Agradecimentos

Pelo incentivo, pelo entusiasmo, pela amizade, pela generosidade, pelas primeiras leituras, pelas mãos sempre estendidas e por me ensinarem tanto, inclusive a viver, agradeço a Alex Simões, a Antonia Herrera, a Antonio Laranjeira, a Carlito Azevedo, a Clarissa Macedo, a Claudinei Sevegnani, a Cristina Gama, a Eliana Mara Chiossi, a Evelina Hoisel, a Fabiana Ribas, a Ivana Freitas, a Janaina Calaça, a Karina Rabinovitz, a Larissa Lacerda, a Letícia Pereira, a Lígia Telles, a Liliane Vasconcelos, a Luciany Aparecida, a Lucinda Hora, a Manuela Santana, a Marcus Vinícius Rodrigues, a Martha Galvão, a Milena Britto, a Mirella Vieira Lima, a Otávia Malheiros, a Rodrigo Cerqueira, a Sarah Rebecca Kersley, a Stefan Dudovitz, a Taís Viscardi, a Vivian Antonino, a Viviane Marques e a Viviane Viscardi.

...

O poema citado na epígrafe foi traduzido para o português por Lubi Prates.

A publicação deste livro faz parte do projeto Bahia na Poesia (Boto-cor-de-rosa, livros, arte e café/Selo editorial Paralelo13S). O projeto tem apoio financeiro do Estado da Bahia através da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia e da Fundação Pedro Calmon (Programa Aldir Blanc Bahia) via Lei Aldir Blanc, direcionada pela Secretaria Especial da Cultura do Ministério do Turismo, Governo Federal.

Apoio financeiro:



SECRETARIA
DE CULTURA

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



Fundação Pedro Calmon/
DLL LAB

fonte Baskerville MT Std
papel Pólen Soft 80g/m2
mês & ano Março de 2021